

Alegoria da Caverna - Platão (República, Livro VII)

Platão - A República (Livro VII, 514a-520a)

- Imagina homens em uma morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz, tão ampla quanto a própria caverna. Nela estão desde a infância, com as pernas e pescoços acorrentados, de modo que não possam se mover, nem virar a cabeça: só podem olhar para frente. Atrás deles, bem ao fundo, há um fogo aceso, e entre o fogo e os prisioneiros, um muro elevado, como aqueles que os marionetistas usam para mostrar seus bonecos.

- Ao longo deste muro, passam homens carregando objetos de todos os tipos - estátuas, figuras de animais e coisas feitas de madeira e pedra - que se projetam acima da parede. Alguns desses homens falam, outros seguem em silêncio.

- Os prisioneiros, por nunca terem visto outra coisa além das sombras projetadas na parede à sua frente, acreditam que essa é a única realidade. Não sabem que os objetos que veem são apenas reflexos do que está atrás deles.

- Se um desses prisioneiros fosse libertado e obrigado a se levantar, virar a cabeça e andar, e olhar para a luz do fogo, ele ficaria perturbado. A luz o cegaria, e ele rejeitaria a nova realidade, insistindo que as sombras são mais reais.

- Mas, se fosse levado para fora da caverna, ao mundo exterior, ao início estaria ainda mais cego pela luz do sol. Aos poucos, acostumando-se, veria reflexos na água, depois os próprios objetos, até conseguir olhar para o próprio sol - e compreender que é ele quem governa o mundo visível.

- Lembrando-se de sua antiga condição, teria pena dos que ficaram na caverna. Se voltasse para libertá-los e guiá-los à luz, eles zombariam dele. E se tentasse libertá-los à força, poderiam até matá-lo.